

3.9.58

RUBEM BRAGA

3.9.58

CONSELHOS ÚTEIS

ESCREVI ontem sobre o livro «A inflação ao alcance de todos»; hoje continuo roubando trechos desse irônico estudo de G. A. Pastor.

Já vimos que seu primeiro conselho aos homens de dinheiro, quando começa a inflação é fugir, isto é, transferir o que tem para países de moeda forte. Em segundo lugar aconselha a compra de ouro; melhor que lingotes são moedas, e destas a mais aconselhável é o soberano. «É indispensável conservar o ouro em casa e não depositá-lo nas caixas dos bancos, e isso limita enormemente as possibilidades de inverter grandes somas nessas compras. Comprar ouro e deixá-lo na caixa de um banco situado em um país inflacionista é pura loucura, porque todos os governos inflacionistas acabam por meter primeiro o nariz depois a mão nessas caixas».

Diz que a posse de imóveis constituiu sempre uma garantia excelente contra a descapitalização, mas é uma garantia a longo prazo e não isenta de perigos. É preciso distinguir entre os imóveis rurais e os urbanos. Os edifícios de renda mostram-se muito decepcionantes em tempos de inflação porque em geral esta vem acompanhada do bloqueio dos aluguéis. O proprietário perceberá o mesmo aluguel, mas verá que tudo aumenta: impostos, gastos do imóvel, consertos e manutenção. No caso de imóveis muito bem construídos talvez o proprietário tenha tempo de esperar a estabilização, mas a experiência ensina que as leis de inquilinato são das que mais duram. «Acha que os imóveis rurais oferecem mais garantias, mas devem ser explorados diretamente, o que é mais fácil se se preferir a criação de gado à lavoura. Outro conselho: endividar-se, mas só através de hipotecas em institutos oficiais, a longo prazo e baixos juros; se possível conseguir isso, o melhor que há a fazer com o dinheiro é enviá-lo para fora ou comprar moedas fortes... «Quando se tiver obtido assim um lucro de 90 a 95 por cento do valor da dívida, convém pagá-la, mesmo antes do vencimento, porque há o perigo de que o Estado tome medidas de reavaliação dos créditos hipotecários, como aconteceu na Alemanha». Aos industriais aconselha, quando começa a inflação, a inverter todo o dinheiro disponível em melhoras técnicas do processo de fabricação, não a acumular matéria prima ou estoque.

A parte mais divertida do livro é a que expõe as maneiras mais ou menos legais de um particular de mais ou menos escrúpulo se aproveitar da inflação para enriquecer. Mostra que a especulação sobre moedas e suas tendências e flutuações só se fazem bem quando se dispõem de informações confidenciais. Zomba das políticas financeiras que se dispõem a servir ao «interêsse geral»; acha que êle não existe, ou é difícil de definir. «A vantagem de um está sempre compensada pela desvantagem de outro; o interêsse do consumidor se opõe ao do produtor, o do operário ao do patrão, etc., e se fizer a soma algébrica dos interesses particulares, em vez de se chegar ao interêsse geral, só se poderá chegar a zero».

Entre muitas outras coisas o livro ensina também como ganhar nas exportações (subfaturamento) ou nas importações (sobrefaturamento) e no jogo entre licenças de certas categorias e certas moedas. Mas nisso temos aqui no Brasil tão grandes doutores que seria até ridículo transcrever mais o livro.